

Email aberto¹

Ana Paula Coutinho Mendes

Universidade do Porto, Faculdade de Letras

Meus Caros António Ramos Rosa e Herberto Helder,

Perdoem-me o modo inesperadamente directo desta invocação, apesar de eu não ter nem almejar possuir qualquer poder mediúnico. A par daquela que continua a ser a interpelação das respectivas obras, os dois representam aqui o horizonte de referência desmaterializado da leitora que fundamentalmente sou.

Como sabe, Herberto Helder, nunca falei consigo nem sequer alguma vez nos cruzámos nos espaços em que se movia. Também não foram muitas as nossas conversas ao vivo, António Ramos Rosa, embora tenha bem presente o afecto que perpassava pela sua voz ao telefone ou que ganhava forma de letra nas cartas ou desenhos que tive o privilégio de receber, sobretudo entre finais dos anos 90 e inícios deste século que tantas vezes já não parecia o seu/o vosso, ou nem mesmo o meu... Muitas vezes tenho pensado o que teria sido a V. vida e a V. poesia na chamada era do digital. Agora, mais do que

¹ Versão revista da intervenção realizada no “Dia António Ramos Rosa e Herberto Helder”, uma homenagem promovida pelo Centro Nacional de Cultura e coordenada por Ana Marques Gastão, que teve lugar no CCB em 4 de Novembro de 2017. Agradeço aos organizadores deste Volume de ensaios a compreensão e a disponibilidade para acolherem este modo de enunciação crítica à margem das habituais normas académicas.

nunca, isto poderá parecer-lhes uma questão ociosa e, contudo, permite-nos reflectir sobre o impacto, mais ou menos imperceptível, das circunstâncias externas, designadamente dos meios de comunicação, ao longo do processo criativo. Se tivessem tido a possibilidade de comunicar entre vós, tal como com outros poetas ou criadores, em tempo real, ou à distância de um ecrã, sem terem de esperar pelos percursos físicos e administrativos de uma carta entre Faro e Lisboa, entre Lisboa e Cascais, ou entre destinos muito mais longínquos do que esses; se pudessem escrever como quem fala, diariamente e a qualquer hora, mesmo que do outro lado não fosse lido de imediato; se pudessem aconselhar ou editar os V. próprios poemas e textos, sem precisarem de riscar ou sem terem de passar a limpo, reescrevendo tudo à mão ou à máquina... que poemas teriam sido os vossos; que outros diálogos poéticos teriam encetado; como teriam reagido às possibilidades e aos constrangimentos de outras vertentes da simultaneidade, aquela potencialidade, quando não ilusão de ubiquidade, que no início do século XX fora já tão interpeladora para outros poetas e artistas?

Penso agora particularmente em si, Ramos Rosa. Como teria vivido a sua bulimia intrínseca de leitor, a sua sede de conhecimento pela poesia e pelo ensaio poético e filosófico, se acaso estes lhe tivessem chegado à sua Faro natal, à distância de alguns cliques, como textos e correios electrónicos vindos um pouco de todo o lado, sem que para isso tivesse de esperar semanas meses ou anos, ao ritmo da lembrança e da generosidade de alguns amigos, ou então do amealhar dos poucos recursos canalizados para a compra das novidades nacionais e estrangeiras que chegavam às livrarias de que era frequentador habitual? E o Herberto Helder, como iria gerir o seu obstinado instinto de auto-revisão à possibilidade de enviar e receber, muito mais rapidamente, ecos de alguns dos seus leitores privilegiados, sem que precisasse sair da sua

casa-refúgio ou sem que precisasse esperar ou articular horários para telefonar aos seus mais próximos amigos e leitores?

Estão por estudar de modo abrangente e sistemático — julgo eu — as repercussões da comunicação electrónica nos hábitos de escrita, inclusive daqueles autores cujo projecto literário não passa pela incorporação das potencialidades do mundo digital. Por outras palavras: mesmo para aqueles escritores para quem esse mundo representa uma mera mudança de suporte, que se limitam a utilizar o computador como uma máquina de escrever com ecrã e a recorrer à Internet como simples e rápido acesso a algumas informações e/ou como modo de comunicação eventual e mais imediato, até que ponto não estarão eles também sujeitos a alterações mais ou menos imperceptíveis na relação com o tempo e com o espaço, com o pensamento, com as palavras, com os textos e hipertexto, ou seja, com os fundamentos básicos da escrita? No V. caso, primeiro por razões biográficas, depois por deliberada resistência a tudo aquilo que os afastasse do tão lento quanto voraz “ofício cantante”, ambos se mantiveram até ao fim à margem desta revolução civilizacional. Estou certa de que pouco lhes interessará imaginar o que teria sido o V. percurso se outro tivesse sido o vosso tempo. É que tal como foi, tal como é, a V. poesia continua a significar a explosão de ordens várias de contingência, experiência transfigurada, “incêndio dos aspectos”.

Em contrapartida, aqui estou eu presa a diferentes formas de aceleração e alienação do quotidiano, de resto como a maioria dos leitores actuais e futuros, inclusive dos vossos, a viver a experiência de leitura como quem busca uma espécie de quadratura do círculo. Ao mesmo tempo que não posso alhear-me da realidade circundante, e que me preocupo com as novas condições de leitura, procuro concentrar-me numa outra temporalidade, abrir-me a um espaço outro e paradoxal de adesão e resistência ao mundo, cujas virtualidades não

se esgotam nem se confundem completamente com os recursos computacionais a que quase todos recorreremos agora, de modo mais ou menos intenso, seja quando lemos, seja quando escrevemos.

É assim, sem papel nem selo, e a ignorar qualquer endereço que possa encontrá-los, que estou a escrever-lhes, recorrendo a um lançamento literal em órbita, rumo àquela que é a esfera celeste endeusada pelos tempos modernos. Talvez algures — espero eu — estas linhas se cruzem com a poeira cósmica do V. tempo agora infinito.

Já noutro espaço escrevi sobre as cartas que o Herberto Helder enviou ao António Ramos Rosa, 17 delas reproduzidas em mais um dos números cuidadosamente antológicos da *Colóquio|Letras* (n.º 196, Set. 2017). Não queria repetir-me, mas sempre lhes direi que representou para mim um privilégio e uma grande honra a Ana Marques Gastão e a Maria Filipe Ramos Rosa me darem a conhecer em primeira mão as cartas do Herberto que fazem parte do espólio do António doado à Biblioteca Nacional, enviando-mas digitalizadas como um fac-símile. Não lhes esconderei que quando as descarreguei no meu computador fui assomada por um misto algo contraditório de emoções: o prazer da limpa e suave volúpia da caligrafia herbertiana, a textura e o cheiro a tabaco adivinhados de um papel amarelecido pelo tempo, cuidadosamente guardado no pequeno apartamento da Barbosa du Bocage; alguma curiosidade de fundo voyeurista; a decepção pelo número reduzido de cartas e, a envolver tudo isso, um indisfarçável pudor por estar a ler e a comentar aquilo que, pelo menos o Herberto Helder, teria certamente desprezado, e que o António Ramos Rosa, na melhor das hipóteses, teria gostado de reler a quem o visitasse, mais pelo prazer da partilha de afinidades, do que por orgulho de troféu ou de relíquia.

Com isto não quero dizer que, por princípio, seja contra a divulgação póstuma da correspondência privada dos escri-

tores ou de outros artistas. Como propriedade privada que é fica naturalmente ao critério dos herdeiros directos ou de outros testamentários, pelo menos durante o período legalmente considerado para estes casos. Mas, aquilo que para mim se tem tornado cada vez mais claro é que o trabalho de crítico literário não pode nem deve coincidir com os princípios de um arquivista. Para este, tudo é, à partida, importante e digno de ser classificado e preservado; já o crítico literário tem sempre de fazer escolhas e de avaliar aquilo que, a cada momento, lhe parece mais relevante ser analisado de molde a contribuir para a actualização dos sentidos da obra do(s) autor(es) sobre quem se debruça. Por conseguinte, se o crítico se detiver, fundamental ou exclusivamente, nalgumas circunstâncias ou nalguns documentos exteriores à obra literária, estará a incorrer num nivelamento ou mesmo numa inversão de factores entre a obra realizada e os meandros da sua realização, podendo com isso comprometer, inclusive de forma irremediável, o modo como os respectivos autores serão lidos e entendidos. Parece-me por isso que existem, ou podem existir, elementos nos espólios dos escritores que não reputarei de insignificantes, mas que é legítimo, senão mesmo expectável, que não caiba ao crítico literário explorar. Quer-me aliás parecer que será neste ponto que o poeta e o crítico mais se aproximam: ambos procuram integrar o esquecimento na memória do real.

Ora, se acabei por aceitar escrever sobre a V. correspondência, ou sobre o que dela resta, é porque, ao privilégio de ter sido uma das suas primeiras leitoras fora do V. círculo mais restrito, se juntou o prazer de reconhecer a inteireza de uma pessoa, incluindo pois as respectivas fragilidades e contingências, por detrás de um poeta como Herberto Helder, um autor que aprendi a ler e a admirar por intermédio das leituras fulgurantes, reconhecidamente seminais, de António Ramos Rosa. Haveremos de convir que não é coisa pouca: conjugar

existência e escrita, sem confundir poesia com autobiografia, mas antes levar o leitor a reconhecer no sujeito de enunciação um *continuum*, uma “túnica sem costura”, como diria outra poeta V. contemporânea, Sophia de Mello Breyner Andersen. Não posso, a propósito, esquecer aquela passagem em que Herberto Helder elogia *O Grito Claro*, dizendo que considera que ele é verdadeiramente o livro de um homem, ou seja, uma poesia a extravasar das classificações habituais aos literatos que, cito da carta de 17/IX/1958, “não reconhecem a pessoa na pessoa, porque isso é uma aventura terrível, uma construção complicadíssima e um perigo não codificado”.

Porque já me fora dado ler alguma outra correspondência privada de António Ramos Rosa, imaginava — embora pudesse ter-me enganado — que a V. correspondência epistolar, a existir, se teria concentrado exclusivamente na Poesia. Havia uma intensidade e um rigor na V. entrega ao labor poético que inundava tudo e que, por isso, extravasava de meros efeitos de encenação discursiva. Talvez só mesmo quem comungasse de uma profunda fraternidade poética, aquém e além de possíveis e estratégicas alianças na cena literária, poderia entender toda a verdade existencial que existia na urgência de alguns dos pedidos que faziam um ao outro, ou numa declaração como “fazer poemas é a maneira de estar vivo”, que, tendo sido escrita por Herberto Helder em carta de 06/VII/1961, poderia perfeitamente ser também proferida por Ramos Rosa, que, aliás e como sabem, viria a respigar para título do seu livro de 1966, o conhecido verso “Estou vivo e escrevo sol”.

Esses ecos e afinidades entre ambos, esse modo de cumplicidade, de respeito e de admiração mútuos, concentrados numa concepção moderna de poesia entendida como subversão originária do real e como “gênese permanente de um palavra elemental e fulgurante”, nos termos utilizados por si — Ramos Rosa — no livro de ensaios intitulado *A Parede Azul*,

nunca poderão ser subsumidos a uma qualquer listagem de “deve e haver”, sob pena de passar-se ao lado do cerne do intenso questionamento poético e existencial que os unia.

Não é nada estranho que tenham funcionado como interlocutores recíprocos, destinatários não únicos mas dos primeiros privilegiados, rostos concretos da alteridade implícita ou explícita no poema. Por isso mesmo, pouco ou nada vejo de exagerado na sua atitude, Herberto Helder, ao revelar ao destinatário de uma das suas cartas do início da década de 60, o respeito e até receio que lhe mereciam a leitura que o crítico Ramos Rosa poderia fazer da sua poesia: “Terei medo de escrever poemas, porque pensarei que estarei, em cada um deles, a decepcioná-lo a si. Como irei eu suportar a responsabilidade que o seu artigo me cria?” (carta de 06/VII/1961). No fundo, cada um de vós sabia que ser entendido pelo outro constituía uma das grandes provas de fogo da vossa própria realização poética; um sinal de que haviam cumprido a exigência que ambos colocavam no acto da escrita, na incessante busca de uma “fala essencial, cultivada pela ingenuidade”, como se pode ler em *Photomaton & Vox*, ou da ignorância suprema que persegue, errante, *O Aprendiz Secreto*.

Das duas únicas cartas de Ramos Rosa que Herberto Helder parece ter salvado da sua implacável depuração do texto coagulado em “poema contínuo”, ressaltam a franqueza e, digamos, a humildade com que António Ramos Rosa revê a sua própria leitura da poesia herbertiana, dissociando-a de uma impressão anterior de artificialismo: “Nessa altura debatiam-me com o problema da ‘arbitrariedade’, termo que hoje repudio ou que aceito porque lhe dou um sentido mais adequado ao ser indecifrável e intransmissível do poema (ou da poesia)” — reconhece o autor d’*O Incêndio dos Aspectos* em carta de Julho de 1980. Embora jamais possa saber-se como foram as suas — de António Ramos Rosa — cartas a Herberto Helder (mas terão sido bastantes, a julgar pela também ne-

cessidade vital que tinha de prolongar o diálogo poético com uma forma de correspondência mais literal com outros poetas, portugueses e estrangeiros), não me custa imaginar que a maior parte das vezes tenha seguido a linha discernível daquela sua carta de 1980: partir de uma circunstância concreta — a resposta a uma carta anterior ou a reacção a um livro de poesia ou de ensaio entretanto lidos — seguida da extrapolação para a reflexão geral em torno da poesia, porventura acompanhada de algum outro conselho de leitura, da partilha entusiasmada de uma nova descoberta, ou da remissão para outros poetas e para outras latitudes, num gesto de espontânea e generosa mediação, que sempre o Ramos Rosa teve, como poucos dos congéneres. Tal como acontecia na citada missiva que agora lhes lembro: “Envio-lhe um belíssimo poema de Octavio Paz inserto no número de Junho de *Vuelta*. Não sou agente desta revista, nem ganho qualquer comissão com a propaganda que lhe faço. É por puro amor à arte. Espero que V. espontaneamente o faça, também.”

Não vou aqui alongar-me mais sobre a relação entre a correspondência e a V. poética de radical “liberdade livre” na apreensão visionária do mundo. Para mensagem electrónica, vulgo *email*, este é já um texto demasiado extenso... Uma das incidências do universo digital no mundo contemporâneo reside justamente na brevidade, não exactamente aquela que costumam pressupor a metáfora ou a elipse na poesia, mas aquela a que obrigam os níveis de aceleração e de dispersão da vida actual e das suas respectivas percepções. Por outro lado, também não quero repetir-me mais, porque se a repetição pode ser justificável no poeta ou noutra criador, por muito angústia que provoque (como também lhes aconteceu aos dois, apesar de a ela terem reagido de modos distintos, um pela dispersão, outro pela compressão), ela acaba por ser complementemente dispensável ou estéril no caso do crítico.

Outros leitores virão a equacionar ou a retirar das V. cartas, como de demais papéis, as mais diversas ilações. Nada se pode fazer para travar os aproveitamentos de um arquivo; tudo aquilo que o escritor deixa atrás de si acaba por disseminar-se como “letra aberta”. Já outras vezes incendei-a-se como “letra fechada”, depende. Entretanto, a mim como leitora e vivente, agrada-me pensar, ou melhor, é-me fundamental reconhecer na parede para que cada um dos dois a seu tempo se voltou (à imagem daqueloutro terceiro incluído, o meteoro de toda a poesia moderno-contemporânea, de seu nome Arthur Rimbaud), a continuidade da “parede azul” que faz fronteira porosa com o mundo, que o reflecte como o faz um espelho, e que sobrevive a quem nele (se) olha, como ainda há pouco veio confirmar-nos, com o livro de poemas intitulado *Existência*, o V. amigo e também privilegiado interlocutor e correspondente epistolar, Gastão Cruz.

Por fim, queiram desculpar-me se, por momentos, também eu me “tornei inadvertidamente solene”. Não era de todo essa a minha intenção, até porque a solenidade, ou melhor, a atenção que percorre todos os sentidos como um fogo, como uma apreensão visceral, há que reservá-la, concordo convosco, para a própria poesia de que a V. correspondência é apenas o avesso. Um avesso luminoso, certo, mas que não deve ser visto/lido como exaustivo nem como explicativo do “poema contínuo” de cada um.

Com um Abraço cordial,
Ana Paula Coutinho.